

## TRANSEXUALIDADE

Jociele Moura de Jesus<sup>1</sup>

Hinayana Leão Motta Gomes<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica de Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Rio Verde. Contato: jocilemourapsi@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Adjunta, Faculdade de Psicologia, Universidade de Rio Verde.

**Recebido em: 28/11/2019 – Aceito em: 30/12/2019**

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi conhecer e compreender como são as relações, as vivências e as dificuldades encontradas por um Transexual durante o seu percurso de vida, bem como identificar aspectos subjacentes da conduta estabelecida, descrever a experiência vivida quando não há identificação do gênero de nascimento e investigar as relações sociais de um Transexual. O trabalho aconteceu por meio do método fenomenológico, utilizando-se a entrevista narrativa gravada. Para analisar os dados foi utilizado o método proposto analisar a profundidade do sujeito e chegar ao fenômeno puro, partindo da descrição, redução e interpretação dos dados. Acredita-se na importância do estudo devido a pouca menção da temática no meio acadêmico e pelo fato do Brasil ser o número 1 no ranking de mortes de transexuais em todo mundo. Com os resultados obtidos na pesquisa foram encontrados aspectos importantes na vida da participante, a pesquisa foi de uma experiência prematura de não identificação com o gênero de nascimento, dificuldades em se assumir Transexual em função da exclusão familiar, dificuldades em se relacionar com os familiares, considerando que foram invariantes presentes em todas as entrevistas.

**Palavras-chave:** Dificuldades. Experiências. Relações Sociais. Transexualidade.

**Abstract:** The objective of this study was to know and understand how are the relationships, experiences, and difficulties encountered by a transsexual during their life course, as well as to identify underlying aspects of the established conduct, describe the experience lived when there is no identification of gender birth and investigate the social relations of a transsexual. This study was conducted with a transsexual teenager in the city of Rio Verde – GO in three different moments where the participant's reports were collected for data analysis. The work happened through the phenomenological method, using the recorded narrative interview. To analyze the data, the proposed method was fully used, allowing the detailing information collected with depth of the subject, and arriving at the pure phenomenon, starting from the description, reduction, and interpretation of the data. It is believed in the importance of the study due to the little mention of the theme in the academic world and the fact that Brazil is the number one in the death ranking of transsexuals worldwide. With the results obtained in the research were found important aspects in the participant's life, the research was a premature experience of non-identification with the gender of birth, difficulties in assuming transsexual due to family exclusion, difficulty in relating with family members, whereas they were invariants present in all interviews.

**Keywords:** Difficulties. Experiences. Social Relationships. Transsexuality.

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Queiroga (2018), o Brasil é um dos países mais intolerantes do mundo quando se trata de violência contra os transexuais, anualmente, cerca de 170 pessoas trans morrem no país, sendo que, esta estimativa poderia ser ainda maior se houvesse registros específicos que possibilitassem identificar os marcadores da violência que atinge essa população, bem como mecanismos que pudessem os reconhecer a partir da identidade de gênero, pois se houvesse o número de óbitos iria aumentar consideravelmente.

No século atual, é comum que as pessoas confundam transexualidade com orientação sexual, considerando a primeira como uma escolha, todavia, ela não tem relação com a atração e/ou com o objeto para onde a sexualidade é orientada. A conceituação de orientação surgiu para suprimir o quesito escolha, visto que as pessoas também não escolhem sua orientação, mas sim constroem seus processos afetivos e sua sexualidade durante o seu desenvolvimento, enquanto a transexualidade aponta uma identificação para com determinado gênero, e uma visão biopsicossocial (Queiroga 2018).

As normatizações do senso comum acerca dos corpos, e as representações sociais de masculino e feminino não são capazes de caracterizar a transexualidade, então, surge à ideia de identidade de gênero, para exemplificar a identidade da pessoa que é oposta ao sexo biológico (Janini 2019).

Por muitos anos a transexualidade foi considerada uma doença mental, a OMS – Organização Mundial da Saúde, junto a institutos de pesquisas, apresentaram evidências científicas de que esta questão não se trata de uma doença mental, embora o Conselho Federal de Psicologia já orientasse seus profissionais com relação aos atendimentos a este público desde o início de 2018, o termo permaneceu nesta categoria por 28 anos, ou seja, de 1990 a 2018, até a revisão realizada no CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados, que irá caracterizar em seu 11º manual, a transexualidade como incongruência de gênero, que adentra a categoria de saúde sexual, e que possui previsão para entrar em vigor a partir de 2022.

Ao pensarem na definição de incongruência, levando em consideração a etimologia da palavra, quiseram dizer que a transexualidade é aquilo que se opõe ao padrão normativo estabelecido em nosso meio, sabendo que a não adequação a estas

normas não dizem respeito a uma possível escolha do indivíduo, mas sim a uma condição de nascença, em que posteriormente a construção da identidade se dá de forma distinta do que, até então, era comumente visto.

Diante da tentativa de entender a vivência dos transexuais, e ampliar o repertório de compreensão dos profissionais, para então atendê-los, foi necessário criar políticas públicas que fossem capazes de suprir essa demanda, para tanto, a responsabilidade inicial começou com o fomento ao tratamento pelo SUS – Sistema Único de Saúde, de forma integrativa e gratuita, foi um avanço significativo não apenas para o acompanhamento de cada caso, mas também para ampliar o processo de aceitação deste público, diminuir os rótulos sobre estes, e atribuir o pensamento de que a transexualidade é, antes de tudo, uma forma de se ver e se perceber enquanto ser e sujeito pensante em meio a sociedade. (Janini, Santos, Santos, Souza 2019).

Pesquisas na área da saúde e das ciências sociais acerca dos gêneros são cruciais, levando em consideração o fato de que por muitos anos, assuntos como esse era considerado tabu no meio científico, e na sociedade como um todo. Até no meio desta década, a percepção dos agentes de saúde iam de encontro ao que era definido naquele tempo, portanto, os cuidados integrativos em relação à saúde desta população eram negligenciados, ora por falta de informações adequadas, visto que em nosso país as formas de manejo e tratamento costumam demorar mais tempo para chegar, e ora por preconceito e desumanidade.

Embora nos dias atuais haja mais discussões abertas e amplas sobre este assunto, havendo um fomento cultural, que propicia mais aparições de pessoas trans nos meios midiáticos e sociais desempenhando papéis importantes, ainda encontramos-nos distantes de termos ambientes que tragam equidade, que respeite as diferenças individuais de cada um, ao mesmo tempo em que gere oportunidades destas pessoas se autoafirmarem enquanto sujeitos pensantes, integrantes e participantes plenos das atividades em meio à sociedade.

Portanto, a pesquisa em questão visa compreender de forma ampla sobre como tem sido a experiência do transexual diante das suas relações de convívio para com o meio, bem como para contribuir com a transdisciplinaridade, possibilitando uma perspectiva de diálogo que pode ser utilizado em vários campos do saber, reforçando a importância de termos equipes multidisciplinar com psicólogos, médicos especialistas, profissionais da área da educação, assistente social, sociólogos e outros,

para que a partir do trabalho em conjunto, e do desenvolvimento contínuo de novas pesquisas, seja possível prestar um atendimento humano e acolhedor para esta população, compreendendo a demanda que cada pessoa trans possui, para que então, eles possam ter uma boa qualidade de vida em todos os aspectos.

### **Transexualidade na história**

Segundo Darolt (2017) a história registra casos de transexualidade na civilização desde a antiguidade, mesmo não tendo na época definições específicas, ou instrumentos científicos que norteassem e proporcionassem um diagnóstico, os primeiros registros que foram datados e conservados, se deram na Grécia Antiga, e dos primórdios até a década presente, os conceitos foram aprimorados, o conhecimento sobre a temática ampliada, e continuou-se evoluindo até o que temos hoje.

Embora a transexualidade na forma concreta da palavra já seja compreendida de forma universal, alguns conceitos, e a forma em que as pessoas lidam com esta questão sofrem influência da cultura a qual elas pertencem, na Roma Antiga, bem como posteriormente na Oceania e na África, não se sabia ao certo o que era este fenômeno de quesito identitário, portanto, quaisquer desvios que envolvessem a sexualidade, era tratado como caso de hermafroditismo (Darolt, 2017).

Para Couto (2013) uma das verificações que se fazia necessário para que se pudesse definir transexualidade, seria que o indivíduo precisaria carregar consigo plena convicção de que se sentia pertencente ao sexo oposto, o não biológico, sendo que os comportamentos deveriam estar acontecendo de acordo com tal convicção. Outra atribuição seria a menção de que a pessoa trans repudia o seu corpo, visto que este apresenta apenas as características biológicas inatas ao ser, o que não representaria o sexo psicológico e a psique deste indivíduo. Numa perspectiva complementar sobre o fenômeno da transexualidade, é perceptível que ele se dá independentemente da orientação sexual do ser, visto que este também pode ser heterossexual, homossexual e/ou até bissexual.

### **Aspectos Físicos**

Lerri (2017) retrata que os transexuais necessitam de cuidado médico para a adequação do corpo ao gênero ao qual se identificam, haverá aqueles que precisarão fazer uma ampla modificação do corpo e da voz para adequar-se ao gênero de

identificação, enquanto outros irão demandar modificações parciais, que podem ser resolvidas a partir das terapias hormonais. Em todos os casos, pela variação que naturalmente pode ocorrer, os acompanhamentos feitos a esta população devem estar de acordo com a necessidade da pessoa trans.

### **Aspectos Psicológicos**

Os ambientes que comumente são frequentados pelas pessoas enquadradas na heteronormatividade, podem ser extremamente perturbador e violento para os transexuais, visto que desde a escola básica, ainda quando estão em processo de descobrimento e transição, estes sofrem diante do convívio, pouca aceitação e preconceito por grande parte das pessoas. O mesmo se estende para o mercado de trabalho formal, onde por não serem aceitos, acabam por buscar na informalidade sua base de sobrevivência. A exclusão dos trans nestes e noutros ambientes, podem gerar nestes indivíduos transtornos psicológicos, como, ansiedade generalizada, depressão, transtorno do pânico, isolamento e outros (Jesus, 2011, citado por Neto e Vieira, 2013).

### **Aspectos Sociais**

Em nossa convivência social, todas as pessoas são diferentes, entretanto, nas interações e vivências, estas diferenças costumam não ser considerado, o que por vezes, gera uma exclusão dos indivíduos que não se enquadram nas características dos grupos de relacionamentos, ou que é visto de forma distinta daquilo que é aceito nas convenções sociais. O preconceito e a discriminação são nítidos, principalmente quando se trata de pessoas que destoam da figura normativa de masculino e feminino (Bezerra, Queiroz e Silva, 2015, p. 365, 366).

Levando em consideração a crença de que o corpo é um atributo natural e que define a identidade de homens e mulheres enquanto pessoas de um sexo ou de outro, as mudanças corporais realizadas pelas travestis e transexuais implicam em dificuldade de convivência nos espaços sociais normatizados. A não aceitação familiar leva-os a morar em outros ambientes. O acesso aos serviços de saúde, às políticas públicas e à circulação, em diferentes territórios e instituições, também é dificultado. Sem muita opção de moradia e meios de se sustentar, podem ir viver no contexto da rua e da noite e encontrar na prostituição um meio de sobrevivência, o que as coloca em situação de risco (Kulick, 2008, citado por Bezerra, Queiroz e Silva, 2015).

## 2. MÉTODO

Nesta construção do saber, a pesquisa se dá por meio da abordagem qualitativa, abordagem esta capaz de observar com mais detalhes e propriedade acerca do objeto de investigação, levando em consideração suas particularidades e experiências individuais, o que faz com que os participantes sintam-se mais livres para responder ou relatar seus pontos de vistas mediados pelo formato da pesquisa.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, ou de um tema específico.

De acordo com Freitas e Prodanov (2013) a pesquisa qualitativa possui uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo que não pode ser traduzido em números.

Foram abordados temas referentes à vivência da transformação e pós-transformação do sujeito. Sendo que, para o desenvolvimento do projeto foi realizada uma extensa leitura sobre o tema, bem como a visualização de vídeos que abordam detalhadamente as nuances da Transexualidade. Os critérios de inclusão foram: Uma pessoa Transexual; Participante maior de Idade; Que more em Rio Verde – GO ou nos distritos próximos a esta cidade. Que tenha disponibilidade para participar das entrevistas aos fins de semana.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises dos dados foram realizadas por meio do método fenomenológico, constituindo-se nas fases: descritiva, redutiva e interpretativa, mencionadas logo abaixo:

### Fase descritiva:

**QUADRO 1 – Levantamento das unidades temáticas de sentido**

<b>Experiência estudada</b>	<b>Unidades de sentido refletidas</b>
Experiências de estudo Transexualidade	- Não identificação com o gênero de nascimento. - Não aceitação do corpo físico. - Dificuldade em assumir a Transexualidade devido à exclusão familiar.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rejeição Materna.</li> <li>- Suicídio como processo de fuga.</li> <li>- Negligência Parental.</li> <li>- Sentimento de carências afetivas.</li> <li>- Sentimento de impotência.</li> <li>- Preconceito e não aceitação advinda do núcleo familiar.</li> <li>- Ser reconhecida como uma Transexual pela família.</li> <li>- Sentimento de não pertencimento ao grupo familiar.</li> <li>- Desrespeito</li> <li>- Confusão de sentimentos.</li> <li>- Introversão em relação à família.</li> <li>- Frustração em relação à família materna.</li> <li>- falta de apoio e afeto da família paterna.</li> <li>- Negação Materna com a realidade.</li> <li>- Ausência Paterna.</li> </ul>
<b>Total</b>	<b>18</b>

Por meio das entrevistas realizadas com o João, foram encontradas 11 unidades temáticas de sentido, importantes para concluir e verificar a análise de dados. As 11 unidades de sentidos apontadas, foram apresentadas nas 03 entrevistas, realizadas em momentos distintos.

### Fase redutiva:

**QUADRO 2 – Levantamento dos elementos variantes e invariantes das entrevistas.**

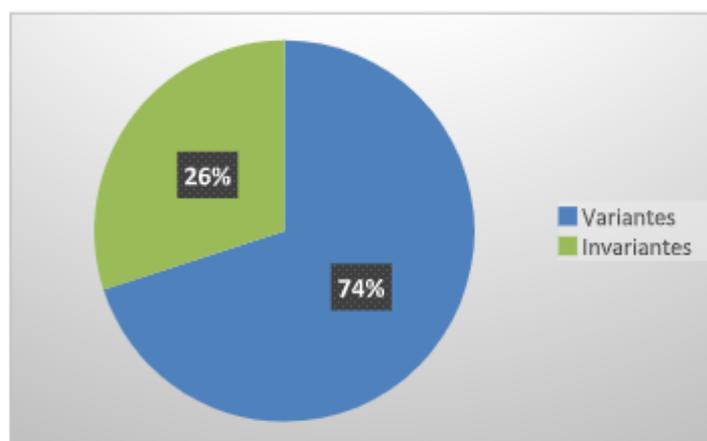
<b>Experiência estudada</b>	<b>Unidades de sentido refletidas</b>	
	<b>Variantes</b>	<b>Invariantes</b>
Experiência de estudo (Transexualidade)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser reconhecida como uma Transexual pela família.</li> <li>- Não aceitação do corpo físico.</li> <li>- Sentimento de não pertencimento ao grupo familiar.</li> <li>- Preconceito e não aceitação familiar.</li> <li>- Sentimento de impotência.</li> <li>- Sentimento de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dificuldade em assumir a Transexualidade devido à exclusão familiar.</li> <li>- Ausência Paterna.</li> <li>- Não identificação com o gênero de nascimento.</li> <li>- Negação Materna com a realidade (transição do corpo físico e vestimentas masculinas).</li> </ul>

	carências afetivas. - Desrespeito. - Confusão de sentimentos. - Introversão em relação à família. - Negligência Parental. - Frustração em relação à família paterna. - Falta de apoio e afeto da família paterna. - Rejeição Materna.	- Suicídio como processo de fuga.
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>05</b>

No Quadro 2, foram levantadas 18 unidades temáticas de sentido, 05 delas foram variantes, ou seja, aquela que em dado momento apareceu em uma entrevista ou em outra, porém não em todas.

Os elementos invariantes, que são elementos considerados como uma universalidade quando se estimula a participante ao falar do referido tema, assim sendo mencionadas nas 03 entrevistas, quando mencionamos o tem Transexualidade. Sendo estes: dificuldade em assumir a Transexualidade devido à exclusão familiar, não identificação com o gênero de nascimento, rejeição materna.

### Fase interpretativa:



**FIGURA 1 – Representação gráfica dos elementos variantes e invariantes das entrevistas.**

A Figura 1 representa graficamente a distribuição dos elementos variantes e invariantes, onde é possível identificar a alta taxa de elementos variantes, representados por 74%, ou seja, esta taxa representa as falas da participante estavam presentes em todas as entrevistas quando estimulada a falar do tema Transexualidade. Contudo as falas que não estavam presentes todas as vezes que ela era estimulada a falar sobre a temática, foram representadas por 26%.

#### **4. CONCLUSÃO**

As análises desenvolvidas acerca dos elementos invariantes são importantes para compreender a essência do fenômeno estudado no sujeito, e indicam também uma universalidade de fatos que ocorrem com os indivíduos quando se trata de um determinado tema, no caso deste estudo a Transexualidade.

Podemos destacar o quão penoso é a experiência de uma pessoa que se considera transexual devido à exclusão familiar e vai restringindo as possibilidades que a constituem como indivíduo, é possível citar alguns que são os mais frequentes que é, sentimento de não pertencimento ao grupo familiar, preconceito e não aceitação familiar, sentimento de carências afetivas, religião, que são os grupos que principalmente afetam o convívio social de uma pessoa trans.

Põe-se em destaque aqui o quão importante seria retratar assuntos referentes à sexualidade, orientação e gênero nas escolas e universidades, que são considerados também ambientes de formação, integração e socialização dos indivíduos, visto como uma maneira de trazer acesso à informação, a fim de tentar amenizar os conflitos internos de pessoas que ainda não tiveram suporte para compreender sua sexualidade e promover comportamentos de compreensão, respeito, interação e a diversidade, uma vez que dados revelam que o Brasil é responsável por 42% dos casos de assassinatos de pessoas transexuais no mundo segundo os dados apresentados pelo Transgender Europe apresentado pela Secretaria da justiça, trabalho e direitos humanos.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Bezerra, W, C, Silva, R, G, L & Queiroz S, B (2015), Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais ed. (03) pp. 365-366 São Paulo: **Rev. Terapia Ocupacional**, 2015.

Conselho Federal de Psicologia, **nota técnica: Transexualidade não é Transtorno Mental – Oficializa OMS**. 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/> acessado em: 25 de outubro de 2019.

Freitas, C, E & Prodanov, C, C (2013). **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**, ed. 2, Rio Grande do Sul.

Gerhardt, E, T & Silveira, D, T (2009). **Métodos de Pesquisa**, ed. 1, UFRS.

Janini, J, Santos, R, Santos, & Souza, V (2019), A construção epistemológica da transexualidade: a ciência, enfermagem e o senso comum, **Escola Anna Nery**, ed. 23 v.(3),

Lerri M, R (2017) Características clínicas de uma amostra de pessoas transexuais. **Revista brasileira de ginecologia e obstetrícia**: ed. 39 pp.51.

**Ministério da Saúde Conselho Nacional de saúde**. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html/](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html/) acessado em: 15 de Novembro de 2019.

Neto, M, O e Vieira, M, F, (2013). **Transexualidade e Preconceito: As implicações do Psicológico**, São Paulo, Outubro 2013.

Queiroga, L. (2018) Brasil segue no primeiro ranking de assassinatos de transexuais, **rev. o globo**, ed. 11 nov pp.03.

Sampaio, L, L, P & Coelho, M, T, A, D (2012). **A Transexualidade na Atualidade: Discurso Científico, Político e História de Vida**, pp.645. Salvador: UFBA.

Santos, S. M. P. (1997) **O Lúdico na Formação do Educador**. Editora Vozes, 1997.